

# UMA AUTO-ESTRADA PARA A CRUZ

Lapa, 15 de Novembro de 2020

## Texto Bíblico

1 Reis 3:28 “Todo o Israel ouviu a sentença que o rei havia proferido; e todos tiveram profundo respeito ao rei, porque viram que havia nele a sabedoria de Deus, para fazer justiça.”

## Resumo

Este sermão, pregado pelo Pr. Filipe Sousa em 1 Reis 3:28, chama-se “Uma auto-estrada para a cruz”. O exemplo do sábio rei Salomão traz um encontro divino entre justiça e misericórdia. Mas ele funciona apenas como uma antecipação para a realidade final que é Jesus Cristo - a cruz assegurou este encontro de um modo perfeito e final. Salomão tinha nele a sabedoria de Deus, mas Jesus é a sabedoria de Deus. Salomão não teve o poder para salvar Israel, mas Jesus é o poder de Deus para salvar qualquer pessoa.

## Sermão

Este sermão chama-se “**Uma auto-estrada para a cruz**”. O exemplo do sábio rei Salomão traz um encontro divino entre justiça e misericórdia. Mas ele funciona apenas como uma antecipação para a realidade final que é Jesus Cristo - a cruz assegurou este encontro de um modo perfeito e final. Salomão tinha nele a sabedoria de Deus, mas Jesus é a sabedoria de Deus. Salomão não teve o poder para salvar Israel, mas Jesus é o poder de Deus para salvar qualquer pessoa.

O capítulo 3 do primeiro livro de Reis termina com a exaltação do rei Salomão - todo o Israel reconhece nele a sabedoria de Deus para fazer justiça. O coração compreensivo que o rei pediu a Deus no verso 9 está agora à vista de todo o povo. O decreto de Salomão no caso das duas mulheres foi demasiado importante para ficar abafado dentro do palácio. As palavras do rei ecoaram pelo reino, de tal modo que a sua sábia justiça foi motivo de espanto e admiração em todo o Israel. **A sabedoria que Deus deu a Salomão não serviu para ficar trancada no grande intelecto do rei. A sabedoria que Deus deu a Salomão serviu para abençoar e guiar todo o povo do reino.**

Por causa do que acabara de suceder, todos tiveram profundo respeito ao rei. Neste respeito reconhecemos uma considerável dose de temor, já que Salomão demonstrava a capacidade para julgar sabiamente os casos mais bicudos que lhe pudessem chegar às mãos. Podemos ir ainda mais longe. Pelo facto do povo reconhecer nele a sabedoria de Deus, qualquer israelita que estivesse à mercê do julgamento do rei Salomão poderia experimentar algo parecido com o julgamento do próprio Deus. Não haveria coração que ficasse isento de ser aberto ao meio por esta espada. Este parece ser um cenário assustador - o de se estar perante um rei que provoca a sensação de se estar diante do próprio Deus -, mas o texto também nos quer dizer que o povo estava disposto a se submeter ao governo deste rei. Recordamos o provérbio de Salomão de que *“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria”* (Pv 9:10). **Nesta lógica, a coisa mais sábia que Israel poderia fazer perante a sabedoria de um rei como Salomão seria a de se colocar numa posição de temor em relação a ele.** A sabedoria do povo de Israel passaria pelo facto de reconhecerem no rei a autoridade, a sabedoria e a justiça divinamente concedidas por Deus para governar o reino.

Como é que hoje, em 2020, somos chamados a olhar para este episódio? Da mesma maneira como somos chamados a olhar para toda a Escritura - com os olhos em Cristo. Salomão, sendo parte do cumprimento da promessa que Deus fez ao rei David de ter um herdeiro ao seu trono, prefigura a vinda do verdadeiro rei, e funciona como um tipo de Jesus no Velho Testamento. **Deus fez de Salomão rei sobre Israel para que o povo esperasse um rei que não só reinasse sabiamente, mas que o fizesse de um modo ininterrupto, algo que Salomão não foi capaz de fazer.** Vamos ler duas passagens do Velho Testamento para percebermos esta ligação: Salmo 72 e Isaías 11.

No Salmo 72:1-2,4a, escrito por Salomão, lemos: *“(1) Concede ao rei, ó Deus, os teus juízos e a tua justiça, ao filho do rei. (2) Julgue ele com justiça o teu povo e os teus aflitos, com equidade.”; “(4) Julgue ele os aflitos do povo, salve os filhos dos necessitados e esmague ao opressor.”* Neste Salmo, Salomão intercede por ele próprio, reconhecendo a sua necessidade de justiça para julgar e defender, em particular, os aflitos e necessitados. Ao mesmo tempo, e tal como todos os salmos régios, este texto olha para a vinda de Jesus como o verdadeiro Filho de Deus. **No Salmo 72 encontramos ecos da história de Salomão, mas vemos o seu cumprimento completo na história de Jesus.**

Em Isaías 11:2-4a lemos: *“(2) Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor. (3) Deleitar-se-á no temor do Senhor; não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos; (4a) mas julgará com justiça os pobres e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra;”* Quer no Salmo 72 quer em Isaías 11 encontramos uma linguagem em tudo semelhante ao verso 28 de 1 de Reis, sobretudo em relação à natureza da justiça que o decreto de Salomão mostrou. Reconhecemos alguma medida desta justiça no exemplo de Salomão, mas o texto nunca teve o propósito de parar nele. Antes, o objectivo é que aumente a expectativa de um rei perfeitamente justo. Séculos mais tarde, o próprio Jesus cita o profeta Isaías, dizendo *“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos”* (Lc 4:18). **A história de Salomão é uma auto-estrada para a história de Jesus, em particular no modo como esta relação perfeita entre justiça e misericórdia é alcançada quando Jesus se entrega no nosso lugar para morrer.**

É na cruz que temos a realização perfeita daquilo que Salomão prefigurou - o encontro entre justiça e misericórdia divinas. A justiça a que o nosso pecado obriga é o castigo, *“porque o salário do pecado é a morte”* (Rm 6:23a). Deus não seria justo se não castigasse aquilo que existe somente para ofendê-lo. É imperativo que Deus, por causa da sua glória e santidade, executasse o castigo a que o nosso pecado obriga. E por isso Ele enviou o seu Filho sem pecado para ser entregue no lugar do pecador. Ao mesmo tempo, e porque essa justiça recaiu toda sobre Jesus em forma de castigo, Deus já não nos dá o castigo que merecemos - *“mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.”* (Rm 6:23b) - , Deus dá-nos misericórdia! Agora, porque Jesus levou sobre si a ira justa do Pai, temos sobre nós toda a misericórdia e graça do nosso Deus, recebendo aquilo que não merecíamos, a justiça perfeita do próprio Senhor Jesus. **Justiça e misericórdia não vivem separadas, mas juntas. Sem justiça, a misericórdia seria apenas falta de competência de Deus em lidar com o nosso pecado. Sem misericórdia, a justiça divina representaria apenas castigo para todos nós sem qualquer esperança. Graças a Jesus, uma não invalida a outra, mas as duas acontecem perfeitamente na nossa vida.**

Se o povo de Israel confiou na justiça que Salomão sabia exercer sobre a nação, muito mais nós somos chamados a confiar e a descansar somente em Jesus, o Rei

Justo, pela justiça que ele nos dá e garante a nossa aceitação junto de Deus Pai. Se todo o Israel respeitou Salomão como rei capaz de reinar justamente sobre eles, muito mais nós somos chamados a temer o Rei Eterno que deu a sua vida para nos resgatar e reinar sobre nós com uma justiça perfeita. Todos nós, de alguma maneira, percebemos e sentimos que a justiça neste mundo não é inteira, mas é incompleta e deficiente - todos nós já vimos ou já vivemos situações de injustiça. E é bem provável que, na maioria das vezes, tenhamos sido incapazes de eliminar toda a injustiça à nossa volta. **Isto não deve trazer-nos uma atitude de desistência mas uma atitude de esperança. Nós sabemos que a justiça reinará quando Cristo voltar para julgar todos sem exceção, e que tudo aquilo que é injusto agora será reparado definitivamente.**

A aplicação deste princípio às nossas vidas deve passar por confiarmos em Jesus como a solução para a nossa tentação de justiça própria e de indiferença ao que é justo. Por um lado, podemos ser pessoas que se empenham em preservar a justiça a tal ponto que acabamos por querer afirmar mais a nossa atitude do que a justiça que queremos salvar. Nesse sentido, a justiça que podemos exercer acaba por ser apenas uma desculpa para sobressairmos. Por outro lado, podemos ser pessoas que, à mínima dificuldade de fazer valer o que é justo, acabamos por cair em indiferença em relação ao valor que a justiça deve ter para nós. Neste caso, que pode ser mais subtil, podemos acabar também a querer sobressair, não pela justiça que fazemos, mas por, aparentemente, estarmos acima dela - “Eu sou tão justo que nem sequer vou dignar-me a sujar as minhas mãos em toda esta injustiça à minha volta”. De uma maneira ou de outra, estamos a dar lugar ao orgulho. **A solução passa por olharmos para Jesus, que não foi indiferente nem orgulhoso em relação à nossa injustiça - ele deu-se por nós em submissão ao Pai, identificando-se completamente connosco, nós que somos pecadores.**

Jesus olhou para nós com misericórdia, suportando ele mesmo o custo que a justiça obrigava. Quando contemplamos a cruz e o que Cristo fez por nós, percebemos que a justiça que somos chamados a viver irá encontrar no mundo muitos ouvidos moucos que estarão mais interessados em ouvir o que lhes é saboroso e não o que é justo. Por isso, a nossa fé em Jesus leva-nos a viver de uma maneira em que mostramos o seu padrão perfeito, ligando justiça e misericórdia. **Que possamos olhar para os outros do mesmo modo que Cristo olhou para nós, com justiça e misericórdia. E que possamos fazê-lo numa atitude em que estamos predispostos a sofrer o custo da rejeição e da incompreensão.** O custo que Jesus suportou no nosso lugar é incomparavelmente maior. Por isso não

desanimamos, mas vivemos esperançosos pelo dia em que Jesus voltar e trazer justiça perfeita a todas as coisas, ao mesmo tempo em que celebraremos a sua misericórdia para sempre.

Que o Senhor ajude.

© Este sermão está protegido por direitos de autor. Não é permitida a utilização do sermão ou de partes dele sem prévia autorização escrita.